**A questão da “ideologia” na Igreja [Parte 1]**

* [**Por Frei Marcos Sassatelli, op**](https://portaldascebs.org.br/autor-colunista/marcos-sassatelli/)

Na Igreja (\*) – e também na sociedade – toda vez que pessoas, grupos e Movimentos Sociais Populares assumem, clara e publicamente, um posicionamento – prático e/ou teórico – contra a “ordem estabelecida” (ou, melhor, a “desordem estabelecida”), a acusação é sempre a mesma: **é ideológico**! Ora, **por que ser contra a “ordem estabelecida” é ideológico e ser a favor não é ideológico**?

Na condição do ser humano – no mundo e com o mundo – não há nenhum posicionamento que não seja ideológico. O ser humano é um ser histórico, situado (no espaço) e datado (no tempo): um ser de busca permanente, um “vir-a-ser”, um ser em construção.

Por isso, **toda práxis humana** (unidade de prática teórica e teoria prática) **é ideológica**, ou seja, expressa um posicionamento ideológico. A **práxis humana** **como prática** é a **“ação” consciente** (a ênfase é colocada na “ação” ou militância que – por ser consciente – integra também o conhecimento). A **práxis humana como teoria** é o **“conhecimento” atuante ou militante** (a ênfase é colocada no “conhecimento” que – por ser atuante ou militante – integra também a ação).

A **ação** e o **conhecimento** (comum, científico, filosófico e/ou teológico) do ser humano **acontecem sempre dentro de um contexto histórico concreto**, mesmo que sua influência – positiva ou negativa – possa ir além do contexto que os produziu. Isso é válido também quando o objeto da ação e do conhecimento são valores que – à luz da fé – consideramos meta-históricos (absolutos, eternos). A nossa maneira de praticar (viver) e conhecer esses valores é histórica (situada e datada) e, portanto, ideológica.

A **ciência** (conhecimento científico) – da qual hoje se fala tanto, devido ao grande desenvolvimento que teve nestes últimos tempos – **não é neutra**. A chamada “neutralidade científica” não existe. A **“não-neutralidade”** diz respeito não somente **ao uso** que se faz da ciência (**não-neutralidade externa)**, mas também **à maneira** como se faz ciência (**não-neutralidade interna)**. A práxis humana do conhecer cientificamente não deve ser confundida com os produtos finais dessa práxis: a televisão, o computador e outros, que são meros objetos.

O que dissemos sobre a **não-neutralidade do conhecimento científico** vale também – consideradas as caraterísticas de cada tipo de conhecimento – para o **conhecimento comum**, o **conhecimento filosófico** e o **conhecimento teológico**.

Não podemos também confundir **“conhecimento comum”** com **“conhecimento popular”**. **“Conhecimento comum” é o conhecimento espontâneo, imediato: a maioria dos nossos conhecimentos**. **“Conhecimento popular” é a ótica do conhecimento: é conhecer desde os pobres, a partir dos pobres**. Esse último pode ser comum, científico, filosófico e teológico.

Portanto – diante do exposto – a **questão fundamental** que se coloca não é saber se um determinado posicionamento – prático e/ou teórico – é ou não é ideológico, mas saber **qual é a ideologia que esse posicionamento expressa**. **É uma ideologia que oprime e leva à morte ou é uma ideologia que liberta e promove a vida do ser humano e do planeta Terra Nossa Casa Comum?**

Entre outros possíveis, denuncio um fato que, de alguns anos para cá, está acontecendo na Igreja Cristã Católica e que – por ser a minha Igreja – me deixa profundamente indignado e me leva a lutar com todas as forças contra essa maneira de agir.

Vejam! A II Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho de Medellín (1968) – que aplica os ensinamentos do Concílio Vaticano II à realidade da América Latina e do Caribe – em seus documentos usa com frequência e naturalidade as palavras **“Pastoral Popular”**,**“Comunidade Cristã de Base”,** ou – simplesmente – **“Comunidade de Base”** (sem a palavra “Cristã” ou “Eclesial” que – por tratar da “Igreja” – está subentendida).

Ora, no processo de **“restauração eclesial”** e, sobretudo, **“eclesiástica”** desses últimos anos (apesar do testemunho evangélico e inovador do nosso irmão, o Papa Francisco), a **Igreja “Institucional” da América Latina e do Caribe – em suas diversas instâncias – não usa mais as palavras “Popular” e “de Base” por serem – dizem – palavras “ideológicas”** ou, com **“conotação ideológica”** (leiam: do lado dos Pobres!).

Que absurdo! Não é uma traição do Evangelho de Jesus de Nazaré? Meditemos! *(Continua na Parte 2)*

*(\*) Neste artigo – em duas partes – retomo, com emendas e reformulações, as reflexões teológico-pastorais do artigo****“É ideológico!”****de março de 2020, por entender que a****questão da “ideologia”****é fundamental para a visão da Igreja na perspectiva libertadora (Eclesiologia da Libertação) e é um dos seus elementos constitutivos.*

<https://portaldascebs.org.br/a-questao-da-ideologia-na-igreja-parte-1/>